

PAIS E FILHOS

A EXPECTATIVA DE CURSAR A PRIMEIRA SÉRIE FAZ COM QUE A CRIANÇA SINTA-SE IMPORTANTE, MAS É PRECISO INCENTIVO E COBRANÇA POR PARTE DOS PAIS E PROFESSORES

O PRAZER DO DESAFIO

Nahima Maciel e
Andrea Cordeiro
Da equipe do Correio

Português, matemática, ciências e geografia. Cadernos diferentes e muitos livros. Direito a fazer ficha na biblioteca da escola, dever de casa, leituras, notas e conceito. Trabalhos de pesquisa e uma nova preocupação: a prova.

Essas novidades representam um mundo à parte na cabeça das crianças que estão ingressando na primeira série. E um jeito novo de encarar a vida escolar. O aspecto lúdico fica para trás, na pré-escola, onde as cadeiras eram baixas, as paredes coloridas e as aulas se resumiam a brincadeiras, colagens, leituras e algumas atividades didáticas. Como as próprias crianças gostam de lembrar, o primeiro ano do primeiro grau é o início da "escola de verdade".

José Ruben, 7 anos, é o filho caçula da dona de casa Lucélia Loibmam. Ela confessa estar maravilhada com o interesse do filho pelo retorno às aulas e a nova escola. "Compramos o material escolar e ele já começou a ler um dos livros, *O Peixinho e o Sonho*, após matar a curiosidade para descobrir o que estudará este ano", diz orgulhosa.

A família Loibmam está em Brasília há apenas um mês. Com a transferência do marido para a cidade, dona Lucélia Loibmam e mais três filhos deixaram para trás as belezas de Recife. Tudo é novidade para a família, cidade, escola, amigos e o clima. "Aqui é excelente. As crianças agora têm muito espaço para brincadeiras", avalia ela.

Ruben chegou bem entusiasmado com a professora, "tia Lara", e os colegas de classe, após o primeiro dia de aula. "Ele foi o primeiro a acordar, amanhã era a vontade de conhecer a nova escola", revela Lucélia. A alegria da mãe é saber que o filho adora estudar e sempre gostou de ir para a escola, sem problemas para levantar cedo. Vaidoso, Ruben não resiste a um espelho e está sempre bem alinhado. Para ela, o filho não está preocupado com provas ou notas nesta nova série. "Ruben está tranquilo quanto a isso", finaliza.

Dália Moreira da Silva, coordenadora pedagógica do colégio Maurício Sales de Mello, explica que a principal preocupação da escola é amenizar o possível choque proporcionado pela saída da pré-escola e ingresso no primeiro ano, onde o esquema de estudo é mais sério e há um real comprometimento. A existência da avaliação, gera uma expectativa muito grande nas crianças, que estavam acostumadas às aulas descompromissadas do maternal e pré.

Além disso, os pais sentem tam-

Cláudio Versiani



Para a turma da primeira série do colégio Maurício Sales de Mello, essa semana é para rever os colegas, conhecer a professora e se ambientar com o novo local de estudo. Para eles, é momento de ale-

bém que é hora de começar as cobranças, por causa das notas. "Procuramos não mudar a coordenação da pré-escola, que é a mesma até a segunda série, e as turmas de pré e primeiro ano têm aulas no mesmo prédio", afirma Dália.

DEVER DE CASA

Mas mesmo assim as mudanças são sentidas. A pedagoga aponta o dever de casa como uma grande novidade, que vai amadurecer o senso de responsabilidade frente às atividades escolares. A professora Cibelle de Oliveira observa que o momento mais esperado pelas crianças é quando recebem o material.

"Eles gostam de ter cadernos, livros, mochila, se sentem importantes. Como o material é novidade, nós usamos a primeira semana de aula para orientar no uso dos cadernos e livros, um para cada matéria", conta a professora. A expectativa é grande para a chegada à primeira série. Segundo Cibelle, eles esperam ansiosos e encaram como uma conquista, mas não há um choque. "Normalmente os meninos ficam

orgulhosos e a cobrança por parte dos pais é bem maior", avalia a professora. Quanto às notas, a maioria se polícia para ter um bom rendimento. "Eles ainda não se preocupam em ter uma nota melhor que a do colega, mas simplesmente em ter uma boa menção", completa Cibelle.

Loran, 9 anos, tira o sono da mãe Íris Barbosa. Ele vai fazer pela terceira vez a primeira série. "Eu não sei o que acontece, ele já sabe até ler. Mas quando chega na hora de ir para escola é aquele escândalo, começa a chorar", desabafa. Segundo ela, na escola a professora acha que o problema é que o menino não gosta estudar. "Só pode ser pirraça", completa.

Hoje ele está recebendo o apoio do S.O.S Criança para retornar à escola. Dona Íris acredita que este ano ele vai aceitar estudar. "Nós já o levamos para um psicólogo, mas não adiantou nada. Tenho confiança de que a ajuda do S.O.S vai melhorar nossa situação", diz. Loran nunca reclamou de professoras, colegas ou da escola. Sua única vontade é não ter que estudar.

A primeira série é o ano mais importante na formação dos conceitos básicos do aluno. É quando a segunda e última parte da alfabetização vai ser concluída e fixada. "É aí que está toda a base para o desenvolvimento

da vida escolar, por causa da leitura e escrita, que são trabalhadas nessa época", avisa a professora Cibelle de Oliveira.

"De tudo que começa na primeira série, a nota é o mais forte, e a consequente conscientização do eu sou bom ou não", afirma a pedagoga Dália. É também a idade de começar a perceber a competição.

O importante, segundo a pedagoga, é não rotular a criança. A primeira série pode ser o ano de formação da base, mas nada do que acontece é definitivo. Marcar um aluno que tem mal rendimento no período e acreditar que ele terá baixo desempenho para o resto da vida escolar é um grande erro. "Não existe diagnóstico conclusivo nessa idade, tudo está em andamento e desenvolvimento, não se deve fazer qualquer julgamento de desempenho", alerta Dália.

É nessa época também que a criança vai perceber o resultado do trabalho psico-pedagógico realizado durante os jardins I, II e III. A psicomotricidade, a coordenação motora, a descoberta do "Eu" e os conhecimentos lógicos são elementos trabalhados durante esses três anos, mas só no primeiro grau é que há a utilização efetiva desse aprendizado, com a parte da linguagem e escrita.

EXPECTATIVA E ANIMAÇÃO

"A criança sempre se surpreende, porque sai de um lugar onde recebe um tratamento cheio de maternalismo e está acostumada a uma certa liberdade de ação e pensamento para ter uma responsabilidade e um compromisso maior", considera a coordenadora pedagógica Lourdes Passo.

"Minha filha não conseguiu dormir na véspera do início das aulas. Ela estava muito ansiosa e tensa à espera desse dia. Louca para ir à escola e encontrar os amiguinhos", conta Francisca Guimarães, mãe da filha caçula, Marina, de 6 anos. Segundo a mãe, Marina sempre foi muito extrovertida e nunca teve problemas para arranjar amigos. Dos três filhos, ela foi a única que não chorou para entrar na escola.

Marina agora se acha muito importante. Vai estudar informática e está impressionada por ter um dicionário júnior incluído entre seus materiais. "Ela acredita que pelo fato de estar na primeira série já não é tão menina e está mais parecida com o irmão mais velho. Sua animação é

por conta das aulas de educação física", afirma dona Francisca.

Ela está certa de que este ano haverá uma cobrança maior, tanto com os estudos em casa, quanto dentro da própria escola. "Mas sem muitos problemas. De acordo com a mãe, Marina é muito responsável e estudiosa, não vai precisar de horário rígido para estudos. A filha não está preocupada com o número de matérias e nem com provas ou notas. "Vai ser moleza", acredita Marina.

As mudanças de comportamento também vão ser sentidas pelos pais. A criança se sente adulta, importante e começa a rejeitar o excesso de proteção. Os pais entram em conflito e não admitem deixar de proteger. "É um processo natural, a personalidade está se firmando, e a criança ainda sente a carência paterna, mas já não quer ser tratada como um bebê", diz a pedagoga Lourdes Passo.

A cobrança, lembra Lourdes, não deve ser imperativa e sim em forma de incentivo. "Senão os meninos ficam com medo, o que pode atrapalhar no desempenho", diz. Outra dica é estabelecer os horários de estudo, também uma novidade para a criança. "Isso ajuda a impor limites e ensinar a responsabilidade", conclui Lourdes.